

O Paranismo e o processo de produção historiográfica paranaense: o episódio do Cerco da Lapa¹

Maria Julieta Weber Cordova²

Introdução

O Cerco da Lapa constitui-se como o marco histórico que garantiu a vitória republicana em terras paranaenses, fundamentado pela memória patrimonial preservada e por critérios historiográficos estabelecidos pelo signo ervateiro no Paraná.

Mas, ao se passear pela Lapa, é fundamental que se questione acerca dos significados do Cerco nos patrimônios tombados, indo além de uma leitura representativa dos heróis configurados no panteão que os homenageia.

A reflexão do herói, como elemento identificador de uma coletividade, não deve contar somente com uma interpretação unilateral da documentação oficial, mas tratar também dos vestígios de memória, entendendo o monumento como um documento que gerou o cotidiano dos que vivenciaram aquela batalha.

Buscou-se apreender o contexto em que se gerou a construção de uma identidade paranaense, tomando contato com o universo simbólico do paranismo, compreendendo o momento em que se elegeram símbolos identificadores para o Paraná, bem como os signos representativos da intelectualidade ligada ao contexto político-econômico da ervamate.

¹ Pesquisa de dissertação orientada pela Prof.^a Dr.^a Teresa Jussara Luporini, Mestrado em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa.

² Licenciada em História e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Email: julieta.weber@yahoo.com.br

Dessa forma, passou-se a investigar a produção historiográfica paranista, já que, dentre os paranistas, encontram-se os primeiros historiadores que idealizaram uma história tipicamente paranaense. Assim, foram especialmente elucidativos os estudos do historiador Romário Martins, no que se refere à relação entre o processo de produção historiográfica regional e a construção identitária paranaense. Outro historiador, de especial relevância na pesquisa, foi David Carneiro, que se constituiu em uma referência fundamental na análise do Cerco da Lapa e da Revolução Federalista no Paraná.

E, na análise sobre a produção historiográfica paranista, lá estava o Cerco da Lapa, simbolizado como o marco histórico que permeou a vitória republicana, reiteradamente lembrado e sacralizado pela narrativa preservacionista dos patrimônios tombados da Lapa, que contam tantas histórias de seus heróis republicanos, da luta e do combate vivido por vinte e seis dias *memoráveis* de resistência e, finalmente, encontrando ampla receptividade no próprio ambiente escolar.

A leitura de um patrimônio remete à apreensão de conceitos históricos que trazem em sua essência o momento de suas produções de memória. Orlandi define a questão da produção da memória e sua relação com o saber discursivo dela decorrente:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.³

E a memória de um patrimônio encontra-se justamente imbuída disto que está *na base do dizível, do já-dito e sustentando cada tomada da palavra*. Tal tomada de palavra vem a tomar corpo acerca dos significados dos patrimônios tombados da Lapa.

³ ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001. p. 31.

Compreendeu-se que a memória pode desempenhar papel ideológico institucionalizador, assim como pode configurar-se enquanto campo de estudo científico da história. E se a memória é um absoluto e a história somente conhece o relativo⁴, a busca por vestígios de memória constitui-se em elemento chave para a construção/desconstrução do conhecimento, já que tais vestígios, ao se constituírem como fontes de pesquisa, podem tanto revelar lembranças como esquecimentos, assim como promover o discurso crítico na história.

A História da Lapa não se esgota somente pela história que cultua os heróis e o seu panteão, mas pode traduzir-se por muitas outras histórias. Não há como não considerar, no estudo histórico local/regional, que os costumes e o cotidiano encontram-se imbuídos de discursos ideológicos, de tradições inventadas, de signos que institucionalizam a memória – tornando-a memorável.

Para se compreender a relação de tais questões, é fundamental que se compreenda a produção historiográfica e seus desdobramentos discursivos na história local/regional. Para tanto, procurou-se, num primeiro momento, discorrer sobre o caráter legendário atribuído pela historiografia tradicional paranaense ao episódio do Cerco da Lapa, bem como apontar suas implicações no contexto da formação republicana no Brasil.

O legendário cerco da Lapa

O Paraná é, no Brasil, um Estado relativamente rico, e seu passado um dos mais gloriosos e dos mais dignos [...] Em história, ou melhor dito, em Sociologia, os movimentos quaisquer, de ordem superior, constituem através dos seus representantes humanos, uma verdadeira escada em ascensão [...] Tratando dos historiadores paranaenses, queremos crer que estamos em ascensão, e o Paraná tem sido, nêsse particular, uma região privilegiada do Brasil. (David Carneiro)

⁴ NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n. 10, p.7-39. 1993.

Ao tratar do processo de produção historiográfica paranaense, que permeia a ideologia paranista, procurando interpretar sua leitura no patrimônio tombado da Lapa, é imprescindível que se compreenda o contexto gerador do episódio do Cerco da Lapa e das “formações discursivas”⁵ acerca do caráter legendário do episódio. Buscou-se, assim, perceber os significados ideológicos nos discursos de intelectuais paranistas que visavam assegurar a fundamentação histórica regional sob o signo da identidade.

Os significados que denotam os discursos e suas representações manifestas em signos, apontam uma dada ideologia identitária regional, bem como suas possibilidades reais de relação social. Segundo Bakhtin: “Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*”.⁶ E assim: “*A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade de toda palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social*”.⁷

Ainda sobre a fundamentação discursiva, para Bourdieu, o discurso regionalista é um *discurso performativo*,

[...] que visa impor como legítima uma nova definição de fronteiras, e fazer conhecer e reconhecer a *região* assim delimitada [...] A eficácia do discurso performativo que pretende fazer acontecer o que anuncia no próprio ato de anunciá-lo é proporcional à autoridade daquele que o anuncia.⁸

Bourdieu atenta, inclusive, que “a autoridade da língua legítima reside nas condições sociais de produção e de

⁵ “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. (ORLANDI, E. P. *Análise de discurso ...*, 2001, p. 43).

⁶ BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992. p. 31.

⁷ *Ibid.*, p. 36.

⁸ BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 110-111.

reprodução da distribuição entre as classes do conhecimento e do reconhecimento da língua legítima [...]”.⁹ E que: “O poder sobre o grupo a que se pretende dar existência enquanto grupo é, ao mesmo tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, e, portanto, uma visão única de sua identidade e uma visão idêntica de sua unidade.”¹⁰

Enfim, se na perspectiva discursiva, a linguagem só é linguagem quando faz sentido, fazendo sentido somente porque se inscreve na história, tem-se que: “Conseqüentemente, podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.”¹¹

É nesse sentido que se pretende atentar para a escritura de um livro nas comemorações do Cinquentenário do Cerco da Lapa (1944), quando se fez necessário o registro de “um livro que, com elevado senso cívico e amor à verdade, traduzisse, fielmente o objetivo patriótico. [...]”.¹² Nessa busca pela verdade, que corrobora o ato patriótico, acabou-se por fornecer ao pesquisador interessado no tema uma fundamental fonte de pesquisa sobre o Cerco da Lapa e sua inserção na formação republicana do Brasil.

Assim foi escrita a obra de David Carneiro “*O Paraná e a Revolução Federalista*”¹³, que, ao delinear o papel político desempenhado pelo Paraná face à revolta federalista, tendo como episódio central o Cerco da Lapa, retratou a trajetória republicana brasileira frente aos movimentos revolucionários emergentes: “Desde o ponto de vista mais amplo do ajustamento político-institucional do país às novas condições econômico-sociais vigentes, a Revolução Federalista e a Revolta da Armada

⁹ Ibid., p. 91.

¹⁰ Ibid., p. 111.

¹¹ ORLANDI, E. P. *Análise de discurso...*, 2001, p. 42.

¹² CARNEIRO, D. *O Paraná e a Revolução Federalista*. 2 ed. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte: Indústria Gráfica Gonçalves, 1982. p. 7.

¹³ A obra citada foi uma reedição ampliada de outra obra do autor “O Cerco da Lapa e seus heróis”, então editada no Rio de Janeiro no ano de 1934.

marcaram os principais pontos de desestabilização do novo regime.”¹⁴

Dessa forma, o Cerco da Lapa insere-se no contexto da “Revolução Federalista”, iniciada no Rio Grande do Sul. David Carneiro, como um legítimo paranista, pertencente à elite familiar ervateira, utilizou-se da geopolítica para definir o porquê de ter principiado em território gaúcho, tal movimento de contestação a então recente república brasileira:

É o Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, o que mais presta às aventuras revolucionárias ou às correrias quixotescas dos cabecilhas guerrilheiros. A razão de ser é óbvia! Por um lado o aspecto geográfico de toda a campanha, o terreno menos acidentado em todo o Brasil Sul; por outro a proximidade da fronteira, o contacto com os caudilhos hispano-americanos, a vida de tropelias e contrabandos, a possibilidade de fuga à ação repressiva da lei penal.¹⁵

Os contestadores do novo regime vieram a ser chamados de “maragatos” pelos que procuravam a legitimação republicana em todo o território brasileiro. A designação de “maragato” resultou do fato de que muitos dos “revoltosos” eram oriundos de uma província uruguaia denominada de Maragateria. O objetivo dos adversários certamente foi atribuir ao movimento revolucionário um certo estrangeirismo, fazendo contraste às finalidades de centralização federativa, empunhada pelos proclamadores da república.

Em contrapartida, os maragatos adotaram, juntamente com o lenço vermelho, a designação imposta, passando a denominar os florianistas de “pica-paus”, tendo em vista a cor do uniforme azul com o quepe vermelho.¹⁶

Os pica-paus, castilhistas (partidários¹⁷ de Júlio de

¹⁴ PESAVENTO, S. J. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 7.

¹⁵ CARNEIRO, D. *O Paraná e a Revolução Federalista...*, 1982, p. 57.

¹⁶ LOVE, J. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

¹⁷ Na Revolução Federalista (1893-1895), a disputa de poder se dá, fundamentalmente, em torno dos partidários de Júlio de Castilhos, do Partido Republicano, e dos partidários de Gaspar Silveira Martins, do Partido Federalista, fortemente apoiado pelas forças imperiais e pelos estancieiros gaúchos.

Castilhos), contavam com o apoio do governo central de Floriano Peixoto para garantir no Rio Grande do Sul o comando das forças republicanas. Era imperativo às forças castilhistas que prevalecessem os ideais republicanos, dando vazão à intenção de gerir o Estado conforme critérios positivistas:

O apoio de Floriano a Castilhos tinha razões muito claras: além de se colocar como a única e verdadeira força republicana no estado, os castilhistas tinham em comum com os militares as mesmas propostas autoritárias de conotação positivista quanto à reorganização do poder. Além disso, para os florianistas, o retorno do parlamentarismo pretendido por Silveira Martins lembrava a Monarquia e era meio caminho andado para a queda do regime.¹⁸

A Revolução Federalista pretendia derrubar as forças de Júlio de Castilhos, bem como a constituição positivista gaúcha. As proposições contidas na Constituição Rio-Grandense de 1891, defendidas pelos castilhistas, tendiam abertamente para o positivismo. Tal constituição enfatizava a garantia da ordem e do progresso; e que seria imperativo assegurar liberdades de pensamento, de culto, de ensino, de associação e de imprensa.¹⁹

Mas, ainda que a prerrogativa fosse de certo grau de igualdade perante a lei, permaneceriam obscuras e imprecisas as ações e atitudes coercitivas, como forma de garantir tal lei tão fortemente arraigada por princípios providenciais como “Família, Pátria e Humanidade”.

O ideário com base na ordem e no progresso, inflamado pelos positivistas no Brasil, vinha intensificado por pensamentos autoritários, especialmente no que se refere à reorganização do poder. Os republicanos, imbuídos de princípios positivistas, defendiam o centralismo de governo e a integração econômica do mercado brasileiro, considerando, ao menos teoricamente, certa autonomia provincial.

No entanto, o federalismo acabou mesmo por impedir consideráveis avanços político-administrativos nas diversas

¹⁸ PESAVENTO, S.J. *A Revolução Federalista...*, 1983, p. 7.

¹⁹ SOARES, M. P. *O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*. Porto Alegre: AGE; Ed. UFRGS, 1998.

províncias do país, servindo-se, por um lado, de forte argumento à queda do regime monárquico e, por outro lado, amálgama à formação da elite dirigente que viria subseqüentemente, ou seja, a elite cafeeira:

A idéia de república federativa exercia um grande fascínio sobre este grupo fortalecido economicamente. O federalismo correspondia às pretensões de maior autonomia das províncias e de um melhor encaminhamento aos problemas econômicos regionais. Se esta foi uma motivação para os grupos oligárquicos das províncias aceitarem a idéia republicana, para os cafeicultores, a mudança do regime representava o meio para atingirem o controle político da situação nacional.²⁰

E o positivismo veio a predominar no ideário republicano. David Carneiro relatou a influência do pensamento de August Comte no período de instalação da república brasileira:

O advento da terceira República, em França, por outro lado, facilitava a propaganda republicana no Brasil, mesmo porque o nosso povo sempre foi inclinado a imitar o centro ocidental. Por esse tempo ainda, os livros de A. Comte mandados buscar por Benjamin Constant, produziam seus primeiros frutos, determinando nele convicções inabaláveis, caracteristicamente republicanas.²¹

David Carneiro, como um intelectual paranista pertencente à elite do mate, sustentou variados argumentos para reiterar a identidade político-cultural paranaense no contexto nacional gerado desde a proclamação da república. E o autor encontrou fundamental argumentação identitária no “Memorável Cerco da Lapa”. O Cerco da Lapa teve duração de “26 dias memoráveis” de combate. Esta foi a maior argumentação para que a cidade da Lapa configurasse como o maior empecilho aos ideais revoltosos da Revolução Federalista:

Foi essa a cidade casualmente designada pelas circunstâncias para servir de ponto de resistência no Paraná, contra a

²⁰ PESAVENTO, S.J. *A Revolução Federalista...*, 1983, p. 14.

²¹ CARNEIRO, D. *O Paraná e a Revolução Federalista...*, 1982, p. 28.

ameaçadora invasão federalista. Assim também o antigo instrutor de voluntários, o alferes Joaquim Lacerda, viu-se pelas circunstâncias, comandante da brigada que na sua cidade natal havia de resistir.²²

Em mais de um dos argumentos do autor em questão, sobre a “memorável” resistência da Lapa, foi possível vislumbrar as intenções militares do governo central sobre o papel a ser desempenhado pelo Paraná na Revolução Federalista:

A revolução em seu aspecto militar de maior importância, deixa o Rio Grande, e passando por Santa Catarina vai culminar no Paraná, nos primeiros dias do ano de 1894. No grande estado sulino as lutas ficaram como efervescência endêmica que não cessaria senão pelo esgotamento dos contendores em oposição.²³

O aspecto social lapeano foi também suscitado por David Carneiro, de uma forma digna de ser lembrada aos futuros paranaenses, como um marco historiográfico não somente regional, mas inserido em um encadeamento ideológico nacional, havendo de marcar a identidade histórica paranaense:

Seus habitantes sempre foram disciplinados e dóceis, sempre hospitaleiros, espontaneamente inclinados à agricultura e aos trabalhos da paz, cuidadosos de seus deveres, prestando auxílios aos mais necessitados, sempre que deles se socorriam. Por uma fatalidade histórica, passam por mais uma vez da atividade de agricultura, para a de guerreiros, abandonando os arados, as charruas, as picaretas e as enxadas, pelas espadas, as pistolas, os fuzis e os canhões.²⁴

Três foram os setores de luta armada da Revolução Federalista, no Paraná: Paranaguá, Tijucas e Lapa: “Com a queda de Tijucas, e a ocupação de Curitiba, na retaguarda federalista havia somente a Lapa, guarnecida por Gomes Carneiro [...] com tropas regulares e com patriotas arregimentados pelo ‘coronel’ Joaquim Lacerda”.²⁵

²² Ibid., p. 95.

²³ CARNEIRO, D. *O Paraná e a Revolução Federalista...*, 1982, p. 62.

²⁴ Ibid., p. 91.

²⁵ “A agitação federalista encontrava, porém, numerosos adeptos no Paraná.

Mas a Lapa capitulou quando se tornou inviável a resistência e “[...] atendendo a fôrma heróica por que defenderam a praça, rendendo-se apenas por circunstâncias especiais supervenientes, sendo-lhes entregues todas as armas, munições, e tropas”.²⁶

No balanço geral da Revolução, foram os legalistas, comandados por Floriano Peixoto, que alcançaram a vitória, atribuindo-se ao episódio de resistência do Cerco da Lapa como o tempo necessário para o restabelecimento de forças das tropas florianistas: “A demora no cerco da Lapa foi o maior erro estratégico dos revolucionários. Deu tempo a que Floriano Peixoto, então no governo da República, pudesse concentrar tropas em São Paulo, capazes de resistência e triunfo”.²⁷

Assim como David Carneiro, a própria intelectualidade paranista teria encontrado no caráter legendário do episódio do Cerco da Lapa, enfatizado por seu panteão de heróis, uma concepção pragmática que a própria cena paranista anunciava, em que o discurso, conforme Mangueneau,²⁸ tinha uma função de “porta-voz” (*sentido estrito*), caracterizada por uma “lógica de identificação regional” (*sentido amplo*).

A construção de uma identidade paranaense e sua representação historiográfica no contexto político regional e nacional

A historiografia paranaense revela uma estreita ligação com o processo de construção identitária regional. E os

Os paranaenses, de há muito, pelo comércio de tropas, tinham grandes relações com os homens do Rio Grande do Sul, estavam, pois, bastante penetrados das idéias de Silveira Martins. De outro lado, os liberais descontentes, iriam também simpatizar e mesmo participar do movimento revolucionário sobretudo quando este chegou ao Paraná.” (BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. *História do Paraná*. Curitiba: GRAFIPAR, 1969. v. 1, p. 195).

²⁶ MARTINS, R. *História do Paraná*. 3. ed. Curitiba: Guaíra, [19—a], p. 251.

²⁷ SOARES, M. P. *O positivismo no Brasil...*, 1998, p. 154.

²⁸ “De forma mais geral, a pragmática tende a enfatizar que ‘a tomada da palavra’ constitui um ato virtualmente violento que coloca outrem diante de um fato realizado e exige que este o reconheça como tal. Ao enunciar, eu me concedo um certo lugar e ‘atribuo um lugar complementar ao outro’.

pensadores paranistas irão demarcar seleções historiográficas como forma de se definirem critérios para uma dada caracterização identitária. O episódio do Cerco da Lapa corresponde a uma dessas seleções que permeiam a produção historiográfica local/regional.

Assim, ao se procurar apreender o universo contextual decorrente desse estudo, é que se compreende o processo histórico que elegeu símbolos e signos para o imaginário social paranaense, definindo particularidades identitárias como forma de assegurar, ideologicamente, o poder político regional.

O processo que corresponde à criação e legitimação de símbolos e signos sociais é fundamental tanto para o estudo das legitimações do poder político, quanto para o reconhecimento dos caracteres que traduzem a formação de um imaginário:

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também [...] por símbolos, alegorias, rituais, mitos.²⁹

Por se tratar do processo discursivo que ambientou a formação da ideologia paranista como construção identitária regional, faz-se necessário entender, portanto, que ideologia pode significar “o instrumento clássico de legitimação de regimes políticos no mundo moderno”, “a justificação racional da organização do poder”.³⁰

peço-lhe que se mantenha nele e que ‘reconheça que sou exatamente aquele que fala do meu lugar’. Solicitação que é feita, pois, a partir de um ‘quem sou eu para ti, quem és tu para mim’”. (FLAHAULT, 1978, p. 50 apud MANGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989).

²⁹ CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 10.

³⁰ CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas...*, 1990, p. 9.

Tal racionalidade do poder acaba por apontar as condições de produção, tanto da ideologia em questão como da identidade que dela se estabelece. As condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”, sendo que “o trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento”.³¹

Tanto a caracterização identitária quanto a formação ideológica abordada no presente estudo, estão indissociavelmente ligadas ao republicanismo nascente no Brasil – final do século XIX e início do século XX, período em que se delineou a construção de signos identitários nacionais. A construção de identidades regionais corresponde ao período em que se processou a implantação do sistema federativo nacional.

Com a república e a ascensão do regime federativo, afirmou-se a união nacional, possibilitando, inclusive, descentralizar administrativamente as províncias que compunham o território brasileiro. O amparo legal do federalismo legitimou aos republicanos a obstrução de ideais separatistas, acabando por estimular, no entanto, a construção de identidades regionais, como no Rio Grande do Sul o gauchismo, em Minas Gerais a mineiridade, em São Paulo o bandeirantismo e no Paraná o paranismo.³²

Por isso, o estudo sobre a construção de uma identidade regional implica em trazer à tona a contextualização do próprio objetivo nacionalista, seja liberal, jacobino ou positivista, mas que veio a fomentar a idéia de nação, correspondendo à assimilação de valores pelo Estado nacional republicano no Brasil. Conforme Carvalho: “Havia no Brasil pelo menos três correntes que disputavam a definição da natureza do novo regime: o liberalismo à americana, o jacobinismo à francesa, e o positivismo. As três correntes combateram-se intensamente nos anos iniciais da República, até a vitória da primeira delas, por volta da virada do século.”³³

³¹ ORLANDI, E. P. *Análise de discurso...*, 2001, p. 30.

³² PEREIRA, L. F. L. *Paranismo: o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

³³ CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas...*, 1990, p. 9.

O liberalismo³⁴ transformar-se-ia em símbolo da modernidade e o Império não mais corresponderia aos objetivos de hegemonia das oligarquias rurais cafeeiras. O ideário liberal que envolveu o projeto de implantação da república acabou também por repercutir suas significações nos anseios de representação regional, buscada especialmente por elites regionais em formação.

Oliveira traçou um estudo sobre a genealogia de famílias que se mantiveram no poder no Paraná, apontando para uma estreita ligação de caráter ideológico com as concepções políticas do governo central e revelando uma “tradição política de continuidade de poder familiar no Paraná”:

O Paraná foi uma unidade regional criada pelos estrategistas do Partido Conservador no limiar da conciliação de 1853. A motivação da sua classe dominante, de históricas raízes coloniais nas famílias senhoriais formadas nas sesmarias e cargos municipais nas vilas dos *homens bons* do período colonial, foi estimulada e valorizada por sua lealdade ao centro político do poder nacional. O Paraná se sente profundamente sintonizado com o centro da gravidade da política brasileira. Ao contrário do Rio Grande do Sul com o seu complexo de periferia adversa, o Paraná sempre assume o lado das tendências que constroem o consenso vitorioso nas conciliações políticas brasileiras.³⁵

Dessa forma, denota-se que no Paraná, desde o processo de emancipação política³⁶, coexistiu uma relação de troca de

³⁴ “Por ‘liberalismo’ entende-se uma determinada concepção de Estado, na qual o Estado tem poderes e funções limitadas, e como tal se contrapõe tanto ao Estado absoluto quanto ao Estado que hoje chamamos de social [...] Um Estado liberal não é necessariamente democrático: ao contrário, realiza-se historicamente em sociedades nas quais a participação do governo é bastante restrita, limitada às classes possuidoras”. (BOBBIO, N. *Liberalismo e democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 7).

³⁵ OLIVEIRA, R. C. de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001. p. xxvii.

³⁶ Segundo estudos de Luiz Romaguera Netto, membro da Academia Paranaense de Letras, o Paraná passou de 5ª para a 10ª Comarca de São Paulo no ano de 1852, ainda que tenha permanecido tanto nos livros didáticos, como no próprio imaginário paranaense, a condição de 5ª Comarca à época da emancipação política paranaense em 1853. (SCHMIDT, W. Há 150 Anos, PR tornava-se a 10.ª comarca de São Paulo. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 17 jul. 2002. p. 10).

favores no âmbito do poder central, apontando que tal regionalização nascente, já em seu princípio, acordou com os critérios políticos do governo central:

O grande teste para o projeto de emancipação foi a Revolta Liberal de 1842. A classe dominante do Paraná apoiou substantivamente a lealdade imperial. A Comarca separava os revoltosos de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Esse apoio foi observado pelo núcleo de estrategistas do Partido Conservador [...] Em pleno gabinete Itaboraí, a lei n.º 704 de 29 de agosto de 1853 criava a Província do Paraná. Em 6 de setembro de 1853 tomava posse o Marquês do Paraná com o gabinete da conciliação, sob o signo do qual se instalava a nova província em 19 de dezembro de 1853.³⁷

Pode-se vislumbrar que a situação política paranaense, já desde a época da Revolução Liberal de 1842, constituiu-se como um momento definidor de atitudes e comportamentos dos dirigentes da futura província. Saliente-se, ainda, que foram grupos elitistas regionais que fomentaram o processo de formação e afirmação política, buscando assim a emancipação política do Paraná:

Foram, aliás, os homens do comércio, aqueles do comércio exportador da erva-mate, via de regra comerciantes de Paranaguá e Curitiba, bem como aqueles do comércio do gado muar, da elite campeira dos Campos Gerais, os que trabalharam e, enfim, objetivaram em 1853 a emancipação político administrativa da Província do Paraná, e que constituíram as oligarquias políticas dominantes em todo o período provincial.³⁸

O situacionismo da política paranaense, percebido desde o momento de sustentação política provincial, encontrou justificativa e foi reiterado concomitantemente com o processo de construção e afirmação nacional republicana.

O poder regional dominante no Paraná deveria, mais uma vez, funcionar como um termômetro para as investidas do governo central na região sul do Brasil e estaria diretamente

³⁷ OLIVEIRA, R. C. de. *O silêncio dos vencedores...*, 2001, p. xix.

³⁸ BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. *História do Paraná...*, 1969. p. 113.

ligado às relações políticas ervateiras de continuidade de poder familiar no Paraná. Ressalte-se que a política paranaense, num primeiro momento, foi pautada pelas idéias e estratégias políticas do Partido Conservador, que, conforme estudo de Oliveira, aproveitou-se da geopolítica regional para projetar um ideário de unidade nacional.

Entretanto, é notória também a presença, no cenário político paranaense, de propagações liberais, jacobinas e positivistas, restritas, porém, ao incipiente ambiente político regional. Percebe-se que, no Paraná, o continuísmo de poder familiar detinha maior representatividade político-ideológica que as próprias caracterizações partidárias.

Já no cenário político nacional, o Partido Conservador e o Partido Liberal, ao procurarem corresponder num primeiro momento, aos objetivos do Império, mantendo-se desvinculados politicamente em relação a Portugal, disputavam o poder ao longo da história brasileira, disseminando por, ora ideais jacobinos, ora posicionamentos liberais ou ora convicções positivistas na virada do governo imperial para o republicano:

No caso do jacobinismo, por exemplo, havia a idealização da democracia clássica, a utopia da democracia direta, do governo por intermédio da participação direta de todos os cidadãos. No caso do liberalismo, a utopia era outra, era a de uma sociedade composta por indivíduos autônomos, cujos interesses eram compatibilizados pela mão invisível do mercado. Nessa versão, cabia ao governo interferir o menos possível na vida dos cidadãos. O positivismo possuía ingredientes utópicos ainda mais salientes. A república era aí vista de dentro de uma perspectiva mais ampla que o postulava uma futura idade de ouro em que os seres humanos se realizariam plenamente no seio de uma humanidade mitificada.³⁹

Ainda que o liberalismo⁴⁰ tenha se configurado pelo

³⁹ CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas...*, 1990, p. 9.

⁴⁰ O liberalismo, vertente ideológica desde o Império, não acrescentou consideráveis avanços políticos e civis na virada republicana brasileira. Dentre os avanços, pode-se citar que, a partir da Constituição de 1891, eliminou-se a exigência de renda como franquia eleitoral, permanecendo a da alfabetização. Tal prerrogativa continuava, portanto, a não incluir a

sistema federativo, apregoando maior autonomia provincial e apaziguando anseios separatistas das elites hegemônicas regionais⁴¹, foi a possibilidade de reunir racionalidade e mitificação que permeou convicções positivistas em projetar utopicamente uma construção identitária, apontando para uma crescente representatividade historiográfica regional.

O positivismo, por apresentar “ingredientes utópicos ainda mais salientes”, almejando a realização humana pelo mito, veio a constituir a base das investidas ideológicas do paranismo. Muitos dos intelectuais paranistas intitulavam-se positivistas, fazendo parte, inclusive, do Centro Positivista do Paraná. David Carneiro exerceu a presidência do Centro Positivista, declarando na abertura de um simpósio realizado por esse Centro, já na década de 90, a relação entre a instauração da república e a influência das idéias positivistas no Brasil:

Não se lhe pode atribuir, portanto – quero dizer ao Movimento Positivista que influenciou a República, já agora velhíssima – o fracionamento patológico e anti-filosófico da educação, verdadeiro achincalhe nacional, o exercício de uma despudorada – sem amor: ineficiente – sem inteligência e ineficaz – sem ação, burocracia que asfixia a vida nacional; a conquista de múltiplos privilégios todos muito “legais”, através do setor público e do setor privado também: nem o exercício imoral, por apenas interesseiro, da nobre atividade política, uma das mais nobres, em verdade. Não, não e não ! porque espontaneamente os positivistas recusaram agarrar-se ao efêmero poder – hoje tão ambicionado por grupos neo-

maioria da população à vida política eleitoral. (CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987).

⁴¹ “Os ideários democráticos, com suas tendências igualitárias e democratizantes, acabaram propiciando a manutenção de estruturas sociais e políticas autoritárias, profundamente desiguais. Algumas dicotomias do liberalismo nacional perduraram ao longo de toda a República Velha, com a dominação oligárquica fundamentada numa retórica liberal, com conteúdo conservador, sob a aparência democrática”. (CORRÊA, A. S. *Imprensa e política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX*. 2006, 231 f. Dissertação. Mestrado em Sociologia – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. p. 64).

revolucionários – que acabam não sabendo utilizá-lo de forma socialmente eficiente ou eficaz.⁴²

Os positivistas trabalharam por idéias utópicas, intitulado-se “verdadeiros humanistas”, “fraternais” e “irmãos”, almejando uma unidade construída no presente e compromissada com o futuro:

Nós, positivistas, nos consideramos, todos nós, verdadeiros humanistas, porque: creditamos ao passado humano, desde o mais remoto, tudo que nos legou, sabiamente criado, analisado e filtrado, geração após geração; porque cremos no futuro, de liberdade, de cidadãos efetivamente irmãos, construindo indústrias, cidades e países, colaborando fraternalmente; porque somos francamente a favor do movimento ecológico: queremos a Terra cada vez mais verde e menos poluída, porque queremos, com toda a nossa mais profunda emoção, com o melhor de nossa inteligência e com denodado afincio, contribuir para a erradicação da miséria no Mundo todo e, especialmente em nosso País; porque trabalhamos o presente para colaborar na preparação de um futuro mais ameno, com dedicação e com ardor; porque acreditamos que só o Amor constrói e só a verdadeira ciência orienta e organiza um trabalho convergente.⁴³

Entretanto, os positivistas serviram-se também de estudos criteriosamente elaborados e cultivando essencialmente a idéia de “inteligência”. Nesse ponto, é fundamental citar a obra “História do Paraná”⁴⁴, de Romário Martins, que certamente representou uma inovação historiográfica paranaense na primeira metade do século XX, já que até então as histórias regionais configuravam-se, quando muito, mais como um apêndice da história oficial nacional, delimitadas conforme a visão historiográfica tradicional predominante.

Procurar reinterpretar, à luz de novos recursos, tópicos

⁴² CARNEIRO, D. *Positivismo e humanismo*. Curitiba: Centro Positivista do Paraná, 1993. p.x.

⁴³ CARNEIRO, D. *Positivismo e humanismo*. Curitiba: Centro Positivista do Paraná, 1993. p. xi.

⁴⁴ A obra “História do Paraná”, de Romário Martins, foi publicada pela primeira vez em 1899 e reeditada em 1937 e em 1946.

da historiografia paranaense no pensamento de intelectuais tradicionais, como Romário Martins, constitui certamente uma das problemáticas fundamentais do presente trabalho. Ao se procurar apreender alguns pontos dos processos históricos que dizem respeito à construção historiográfica paranaense, levar em conta que Romário Martins, bem como outros intelectuais paranistas, não dispuseram de recursos metodológicos e científicos da atualidade, significa que toda produção historiográfica tem a marca de seu tempo⁴⁵, inclusive e especialmente as produções academicistas do presente momento.

A própria conceituação de história regional remete à outra problemática: o que configura uma história regional? Critérios econômicos, demográficos, naturais ou fronteiras político-administrativas? De acordo com Pesavento em estudo sobre a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, região pode ser concebida enquanto

espaço localizado de realização e controle do poder por um grupo [...] este mesmo grupo privilegiado se incumbem de reproduzir a noção de região para o conjunto do campo social, valendo-se de critérios de identidade cultural, fronteiras geográficas e um auto-reconhecimento da singularidade daquele espaço delimitado.⁴⁶

Brasil Pinheiro Machado indica que foi na obra “História do Paraná” que se lançaram as bases para uma história regional. Romário Martins, ainda que não tivesse em mãos recursos metodológicos apurados, buscou tematizar a história paranaense, segundo critérios de permanências geo-históricas⁴⁷:

⁴⁵ Lucien Febvre, historiador da Primeira Geração dos Annales, contribuiu para o debate teórico historiográfico, em contraponto às idéias positivistas, ao declarar que a história é filha de seu tempo, e que, portanto, traz consigo as percepções do próprio historiador.

⁴⁶ PESAVENTO, S. J. História regional e transformação social. In: SILVA, Marcos A. (Org.). *República em migalhas: história regional e local*. São Paulo: Marco Zero; ANPUH, 1990, p. 69.

⁴⁷ Em contraponto aos princípios do naturalismo positivista, para Fernand Braudel, pelos caminhos de uma *geo-história* é que se torna possível a apreensão de uma *história total* que permita compreender as

[...] Romário Martins estabeleceu a temática da história de uma comunidade, lançando as bases de uma história regional. Nos trabalhos de outros historiadores paranaenses o objetivo de estudo é constituído por fatos isolados do seu contexto, no sentido da pesquisa e da reconstituição documentária. Foram sem dúvida grandes historiadores e suas obras se caracterizam pela erudição. Mas a tematização da história coube a Romário Martins e, embora não expressamente manifestado, o fundamento da tematização tem como núcleo teórico a afirmação de que a história do Paraná, tal como ele a enfoca, é a história de uma comunidade, isto é, de um grupo humano nas suas relações com o meio geográfico.⁴⁸

Nas palavras de Romário Martins, percebe-se o quanto o pensamento paranista encontrou fundamentação na geohistória:

O campo e a floresta, não somente decidiram de nossa existência como de nossa índole. Nos primeiros tempos fomos criadores e tropeiros e todas as nossas antigas cidades do planalto tiveram origens nessas atividades dos nossos antepassados. O nosso homem do campo, porém, encontrou na floresta mais fácil exploração de riquezas e se fez extrator de erva-mate e, depois, também de madeiras [...] A Geografia Humana ou das Regiões Geo-humanas, é ciência nova, que se encontra ainda em estado de elaboração [...] A simples explanação dos fatos já observados e admitidos por essa nova ciência, divide as regiões geográficas pelas possibilidades que elas concedem ou negam aos seus habitantes. Em síntese: o trabalho humano é um contato com a terra.⁴⁹

Nesse ponto, partindo da relação da história regional contada pelos paranistas ao meio geográfico paranaense, poderia

transformações sócio-econômicas das civilizações. Em sua obra “O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II”, Braudel distingue a noção de tripartição temporal –longa, média e curta duração, permitindo compreender a trajetória histórica segundo as características de sua própria espacialidade e temporalidade: estrutura, conjuntura e acontecimento.

⁴⁸ MACHADO, B. P. A historiografia de Romário Martins na sua “História do Paraná”. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS REGIONAIS, COMEMORATIVO DO I CENTENÁRIO DE ROMÁRIO MARTINS, 1974, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 1974, p. 43.

⁴⁹ MARTINS, R. *História do Paraná...*, [19—a] passim.

se questionar por que Romário Martins não desenvolveu temáticas para a História do Paraná recente, ainda que, à época da reedição de seu livro, a região norte do estado já se encontrava em franco processo de ocupação e povoamento?⁵⁰ Uma das justificativas que pode ser atribuída a esta questão é a de que não foram as elites cafeeiras, mas a elite do mate que patrocinou o movimento intelectual e cultural paranista:

Existe uma relação envolvendo aspectos da produção cultural e de idéias do “paranismo” e a expansão e crise da fração ervateira da burguesia paranaense. Esse grupo social desenvolveu estratégias de construção hegemônica frente aos outros setores da classe dominante e às classes subalternas. Os elementos político-culturais elaboraram uma imagem, uma memória, um discurso sobre a identidade paranaense em suas relações com os interesses materiais dominantes no Paraná.⁵¹

As permanências políticas contidas ao longo da história paranaense podem revelar que a complexidade histórica regional, segundo a ideologia paranista, aponta para a busca de uma identificação comum, justificando a sintonia do político com o sócio-cultural e produzindo uma história regional identificada fundamentalmente com a ascensão da elite ervateira, em contraponto à decadência econômica das elites rurais dos Campos Gerais:

O Paraná do século XIX contava com duas elites econômicas que detinham o poder político do estado, formando uma configuração composta pelas elites rurais dos Campos Gerais e a burguesia ervateira de Curitiba e do litoral. Esta tomava cada vez mais o espaço daquela, principalmente após a Guerra do Paraguai, quando a produção da erva-mate se expandiu para atender ao mercado platino, aumentando seu capital econômico e político, que viabilizou uma série de investimentos que alteraram a cidade e as redes de sociabilidade local.⁵²

⁵⁰ MATOS, O. N. de. Alguns temas de história regional na obra de Romário Martins. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS REGIONAIS, COMEMORATIVO DO I CENTENÁRIO DE ROMÁRIO MARTINS, 1974, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 1974, p. 17-30.

⁵¹ OLIVEIRA, R. C. de. *O silêncio dos vencedores...*, 2001, p. 180.

⁵² CORRÊA, A. S. *Imprensa e política no Paraná...*, 2006, p. 30.

Note-se a relação entre o grupo ervateiro, representante da classe dominante paranaense, que anseia por sua afirmação política tanto perante o poder central, quanto à coletividade paranaense e a intelectualidade do mate, fomentadora do processo de produção bibliográfica no Paraná:

Os intelectuais do mate sentiam-se de tal forma integrados a um processo sócio-econômico universal que não lhes passava pela cabeça dúvidas sobre o caráter industrial da economia da região. A produção bibliográfica paranaense entre os anos de 1850 a 1940 constitui, na verdade, uma imensa bibliografia orgânica do mate. Nela, a erva-mate é esmiuçada de todas as formas possíveis. Durante quase um século, o mate foi, no Paraná, o objeto privilegiado do 'conhecimento'.⁵³

Considerando a trajetória histórica em que se estabelece a política paranaense de favorecimento e conservantismo do ideário do poder central, compreende-se o contexto cultural em que a intelectualidade paranista concebeu uma identidade regional. O grupo ervateiro, apoiado pela intelectualidade do mate, procurou então fazer valer o apoio incondicional dado às investidas governamentais centrais frente às intenções de comando e controle territorial. Os elementos político-culturais, elaborados no movimento paranista, tornam-se suportes ideológicos fundamentais na construção identitária paranaense, consolidando uma variedade de investimentos culturais patrocinados pela elite ervateira:

Enquanto na cena nacional o principal produto era o café, os paranaenses exploravam o mate, nicho econômico alternativo, que lhes proporcionou uma atividade comercial intensa principalmente com o mercado platino [...]. O campo econômico comandado por tal burguesia seria determinante na modernização da cidade e numa série de investimentos que dariam origem a um campo de produção cultural no Paraná.⁵⁴

Com o avanço tecnológico da produção da erva-mate e o crescimento dos investimentos no campo cultural, o Paraná

⁵³ PEREIRA, M. R. M. *Semeando iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1829-1889*. Curitiba: UFPR, 1996. p. 16.

⁵⁴ CORRÊA, A. S. *Imprensa e política no Paraná...*, 2006 p. 33.

não seria somente mais um Estado emancipado com o objetivo de apoiar as ordens centrais, mas um Estado bem definido em suas origens e possuidor de um sistema de signos culturais. Intensificaram-se as produções culturais regionais e abriu-se espaço para a construção historiográfica regional.

Bento Munhoz da Rocha, político atuante e um dos proeminentes intelectuais paranistas, define a significação do homem paranaense e sua relação com o meio. E o episódio do Cerco da Lapa sustentaria tal argumentação:

Temos assim uma significação geographica incontestável, como incontestável é a nossa significação humana d'ahi consequente. Se a nossa história foi a paulista, o paranaense já provou no alvorecer da Republica a tempera ferrea de sua fibra e a sua compreensão elevada ao dever, num facto de brilho inolvidavel. Se a nossa evolução historica se desenvolvesse descolorida por entre scenarios indefinidos, bastar-nos-ia a resistencia da Lapa, para plantar – dentro do Paraná – um marco brasileiro. De consideravel projecção nacional, contrapondo-se á marcha dos federalistas sobre S. Paulo, a energia paranaense secundou heroicamente a energia da nação. A Lapa, velha cidade, plantada no concavo das collinas verdejantes, adormecida na sua vida bucolica de pacifismo e de trabalho, enlevada pelo mysticismo das cercanias, accordou a o sibililar dos tiroteios accendidos pela incompreensão das scissões politicas que ainda hoje nos cruciam. E ella, resumindo o Paraná, soube ser nobre e grande. Sacrificou o mais pujante do seu sangue e offereceu o mais valoroso de sua mocidade.⁵⁵

Em correspondência à “significação geográfica incontestável” e à própria “significação do homem” dela decorrente, note-se que, epistemologicamente, a sociedade assimilada pela natureza, corresponde aos fundamentos do ‘naturalismo positivista’, em que “as ciências da sociedade, assim como as da natureza, devem limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos, de forma objetiva, neutra e livre de julgamentos de valor ou ideologias, descartando

⁵⁵ MUNHOZ DA ROCHA, B. A Significação do Paraná. *Círculo de Estudos Bandeirantes*, Curitiba, p. 7, abr. 1930.

previamente todas as prenoções e preconceitos.”⁵⁶

É nesse sentido epistemológico de objetividade neutra, adicionado de uma boa dosagem de ufanismo, que a ideologia paranista buscou um *ponto zero* à identidade paranaense. O conceito de *ponto zero* trabalhado por Hobsbawm e Ranger foi enfatizado por Pereira em seu estudo sobre o movimento paranista como:

Um dos campos privilegiados para a construção de uma identidade regional será a construção de um discurso histórico para o Estado do Paraná, a busca de um *ponto zero* que faça com que a população se identifique com um passado comum. Era preciso forjar as tradições paranaenses e a historiografia será um dos instrumentos para tal construção.⁵⁷

Ao construírem uma história regional traduzida por características naturais e simbologias lendárias, os pensadores paranistas criaram um passado comum aos habitantes do Paraná, *inventando tradições*, de forma a interagir no próprio imaginário social paranaense:

Por tradição inventada, entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição e o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.⁵⁸

Pode-se dizer então que o movimento paranista objetivou criar significados para a história regional, de um passado idílico para um futuro promissor.⁵⁹

A construção de uma identidade regional, seguindo critérios paranistas, foi fundamentada essencialmente por

⁵⁶ LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 17.

⁵⁷ PEREIRA, L.F.L., *Paranismo...*, 1997, p. 99.

⁵⁸ HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.9.

⁵⁹ PEREIRA, L.F.L., *Paranismo...*, 1997.

princípios positivistas, traduzidos por acontecimentos econômicos e sociais criteriosamente determinados geograficamente.

Ao *inventarem tradições*, idealizando características naturais e lendárias, acabaram por fomentar, naqueles que se consideravam paranistas, um sentimento de pertencimento a terra. O “Centro Paranista”, que teve em Romário Martins um dos principais articuladores, assim manifestava-se:

Associação de amigos do Paraná, o “Centro Paranista” tem por objectivos o estudo, o estímulo, a realização de tudo quanto concernir ao conhecimento, ao progresso, à civilização do Estado. Dentro dessa ordem de idéias e nessa orientação, conseqüentemente se desdobram, para todos os horizontes de nossas actividades theoricas e praticas, finalidades altas e magnificas que constituem o ideal “paranista”, filho legitimo da brasilidade e integrador de todos os nossos ethnos sociaes no espirito novo e liberal de nossos designios.⁶⁰

Na mesma *Mensagem do Centro Paranista*, destacam-se critérios de brasilidade à unidade social fundamentada por elementos singulares da geopolítica regional, por pensamentos ufanistas e pela fé cega no ato heróico enquanto estandarte cultural:

Nós que aqui estamos nos esforçando por germinar e florir e fructificar esse ideal entre as gentes que estão povoando e affeiçoando aos sustos de uma maior grandeza este trecho lindo e dadivoso das terras de nossa Patria, pretendemos que o “paranismo” seja a fé constante nas nossas realizações, a confiança no nosso futuro, a ufanía do nosso passado, o dynanismo da nossa vitalidade, o heroismo pacifico do nosso trabalho, a confraternização dos nossos elementos sociaes de todas as origens, para a formação desse espirito de brasilidade que nos há de salvar de nós mesmos.⁶¹

⁶⁰ MARTINS, R. *O brasão de Armas do Paraná e os seus symbolos*. Curitiba: APPR, [19—b]. [Datilografado]. cx. 10.

⁶¹ MARTINS, R. *Mensagem do Centro Paranista*. Curitiba: APPR. [19—d]. cx. 10.

A história regional contada pelos paranistas proporcionou tanto para a função como para o ofício do historiador o signo ideológico do grupo ervateiro – hegemônico e legitimador da genealogia de poder familiar no Paraná Tradicional. Mas, ainda que o signo predetermine o caminho ideológico, já que “primeiramente nasceu a função e depois o ofício”, o *sentido* dado à história do Paraná pelos paranistas foi o de proporcionar ao pesquisador uma memória historiográfica, já que “[...] para dar à instituição uma memória, uma argumentação, uma defesa; em todos esses casos, é evidente a preocupação com a eficácia”.⁶² Procurar reinterpretar sob novas metodologias e entendimentos científicos, em busca do objeto de pesquisa é por assim dizer o fundamento e a relevância do historiador que põe à prova o seu próprio ofício.

A intelectualidade paranista e a construção identitária paranaense

MENSAGEM DO CENTRO PARANISTA

O Centro Paranista é a mais vasta e alevantada contribuição de ordem social que a iniciativa particular tem ideado e tentado organizar no Paraná.

Sua eficiência depende da colaboração de todos os nossos valores sociais representativos do trabalho, de todos os nossos concidadãos capazes de esforços úteis à comunidade.

Não queremos a adesão dos incapazes nem dos egoístas. Eles são os entraves do progresso e da civilização, - o peso morto da humanidade.

Também não solicitamos dos nossos concidadãos apenas a cooperação pecuniária, mas também e sobre tudo a colaboração moral, intelectual e cívica. Quem não tiver pelo Paraná uma sincera afeição e não for capaz de um esforço pelo seu progresso, não deve se alistar entre os sócios do CENTRO PARANISTA. (Romário Martins)

O paranismo inseriu-se num contexto de exaltação republicana no início do século XX, promovida pela expectativa de modernidade em meio a crescentes inovações tecnológicas como as iluminações públicas, os bondes, a disseminação de

⁶² FERRO, M. *A História vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 12.

ferrovias, o impacto dos dirigíveis, a popularização da fotografia e o acontecimento cinematográfico.⁶³

Enfim, a própria possibilidade de acesso à comunicação com os grandes centros urbanos, atribuído especialmente ao desenvolvimento da imprensa e da ferrovia, contribuiu para a ambiência ideológica paranista. Aliás, saliente-se que a conjugação de imprensa e ferrovia veio a desempenhar um papel decisório na apreensão de novas concepções sociais e ideológicas, já que as notícias eram repassadas com maior mobilidade, tanto do Brasil quanto do mundo.

A república constituía-se em razão principal na pauta das discussões intelectuais, suscitando temas como o abolicionismo, o anticlericalismo e o modernismo.⁶⁴ A monarquia já se configurava pela decadência, enquanto que a república trazia o sonho da modernidade.

Pereira situa a idéia de modernidade paranaense que se contextualizava pela procura aos padrões europeus de civilidade, tendo em conta avanços técnicos consideráveis e a possibilidade de visões diferenciadas propiciadas pelo clima de exaltação republicana:

As identidades nacional e regionais são todas impregnadas por uma visão positivista, anticlerical e de elogio à técnica, de onde é possível retirar a idéia de modernidade, que, no caso paranaense, estará intimamente relacionada a uma

⁶³ PEREIRA, L.F.L. *Paranismo...*, 1997.

⁶⁴ A análise da oposição entre o par ocidental e ambíguo “antigo/moderno” aponta que “[...] na passagem do século XIX para o XX, movimentos de ordem literária, artística e religiosa reclamam-se ou são rotulados de ‘modernismo’ [...] no seio da aceleração da história, na área cultural ocidental, simultaneamente por arrastamento e reação, aparece um novo conceito, que se impõe no campo da criação estética, da mentalidade e dos costumes: a ‘modernidade’ [...] De fato, as sociedades históricas, mesmo que não se tenham apercebido da amplitude das mutações que viviam, experimentaram o sentimento de moderno e forjaram o vocabulário da modernidade nas grandes viagens de sua história. A palavra ‘moderno’ nasceu com a queda do Império Romano no século V; a periodização da história em antiga, medieval e moderna instaura-se no século XVI, cuja ‘modernidade’ foi assinalada por Henri Hauser [1930]; Théophile Gautier e Baudelaire lançam o conceito de modernidade na França do Segundo Império, quando a Revolução Industrial está se impondo [...]”. (LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1996. p. 169; 179).

construção de uma sociedade supostamente industrial e projetada para um futuro idílico.

Em relação a sociedade esta passa a respeitar os padrões europeus de civilidade, tentando de todas as formas construir uma idéia de modernidade nos trópicos, aproveitando as promessas da República de avanços técnicos e científicos jamais vistos e uma prosperidade até então impossível pelos vícios da Monarquia.⁶⁵

Curitiba, embora não participasse do centro político da nação, como outras cidades de expressão política nacional, das quais Rio de Janeiro e São Paulo, veio a se caracterizar como centro da modernidade paranaense, impulsionada, inclusive, pelo movimento literário simbolista, pioneiro no Paraná, contribuindo assim para a atmosfera que envolveu o ideário intelectual de construção identitária paranaense.

Bega, em estudo sobre a “geração simbolista e a construção de identidade no Paraná”, evidencia que o apogeu da produção literária simbolista deu-se especialmente entre 1895 e 1910, mantendo-se de forma continuada até os anos 20. Entretanto, muitos escritores permaneceriam vinculados ao Simbolismo, ainda que contagiados pelas renovações artísticas da Semana de Arte Moderna (1922) enquanto inauguradora do modernismo no Brasil. De acordo com Bega⁶⁶, o simbolismo contribuiu para “[...] não somente colocar o Paraná no cenário das letras brasileiras⁶⁷, como também trazer à cena a temática da identidade paranaense”.

E o paranismo, enquanto movimento intelectual fomentador de uma construção identitária regional, apresenta

⁶⁵ PEREIRA, L. F.L. *Paranismo...*, 1997, p. 59.

⁶⁶ BEGA, M. T. S. *Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional*. 2001, 442 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.p. 410.

⁶⁷ Bega atenta ainda para a relação de disputa entre simbolistas e parnasianos tanto na “forma e apresentação dos volumes”, como no “próprio sentido de produção de suas obras”, pois, “Enquanto os segundos produziram copiosamente, lançando grossos volumes, estabelecendo uma produção metódica, regular e profissional, para os primeiros a poesia era uma obra de arte, resultado de intenso burilamento das emoções e sentimentos, expressos através do cabedal simbólico acumulado pela civilização.” (BEGA, M. T. S. *Sonho e invenção do Paraná...*, 2001, p. 76).

seu contexto cultural indissociavelmente ligado à construção político-ideológica do imaginário republicano no Brasil.

Entretanto, é fundamental pensar sobre o que foi o paranismo, como se constituiu e o que veio a representar para a cultura política paranaense esta busca por um *ponto zero* à identidade regional, por uma identificação comum que unisse os paranaenses a um mesmo passado.

Dentre os pensadores paranistas, certamente pode-se dizer que Romário Martins é um de seus expoentes maiores, contribuindo para a criação de imagens, símbolos, emblemas e signos sociais no imaginário social paranaense, na construção da própria identidade regional:

Paranista é todo aquele que tem pelo Paraná uma afeição sincera, e que notavelmente a demonstra em qualquer manifestação de atividade digna, útil à coletividade paranaense [...] Paranista é aquele que em terras do Paraná lavrou um campo, cadeou uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compoz uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou uma bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore.⁶⁸

A mensagem citada encontra-se também no folheto da *Mensagem do Centro Paranista*, em que se valorizam os objetivos positivistas do paranismo pela dignificação do *espírito* paranista: “Paranismo é o espírito novo, de elance e exaltação, idealizador de um Paraná maior e melhor pelo trabalho, pela ordem, pelo progresso, pela bondade, pela justiça, pela cultura, pela civilização. É o ambiente de paz e de solidariedade, o brilho e a altura dos ideais, as realizações superiores da inteligência e dos sentimentos.”⁶⁹

Foram com tais pensamentos que se conceberam signos paranistas com a pretensão de projetar no imaginário social paranaense a imagem de um futuro promissor. O pinheiro acabou por representar o símbolo maior das expressões

⁶⁸ MARTINS, R. *Paranística*. In: A DIVULGAÇÃO. Curitiba, p. 91, fev./mar. 1946, p. 91.

⁶⁹ MARTINS, R. *Mensagem do Centro Paranista...*, [19—d]. cx. 10.

paranistas. Note-se, assim, a forma lendária do pinheiro, apresentada na Revista Ilustração Paranaense:

Existia nestas plagas um príncipe, o mais lindo do mundo, um santo rei; era esbelto como o mais guapo guerreiro, os cabellos revoltosos e uma auréola dourada ornavam sua cabeça altiva. Poderes miraculosos tinha o rei daquele Reino Azul [...] Um belo dia o príncipe se apaixonou e sua amada fora convertida em pobre árvore, a nympha do bosque de faias e o príncipe vagava, enlouquecido à busca dela, bradando aos céus seu nome. Procurando-a em vão na planície sem fim, a sua amada que houvera perdido, quando a piedade do rei mago socorreu-o e, como não poderia fazer com que a faia dos campos voltasse a ser mulher, converteu também o príncipe delirante em árvore. Árvore alta como uma torre, que parece querer enfiar no céu de turquesa os braços trêmulos que o desespero fustiga: e ainda com a coroa real equilibrada muito lá em cima, sobre os ombros desfeitos que as tempestades chicoteiam, e que, nos crepúsculos tristes imitam, de encontro ao encendio do horizonte, o perfil sofredor do rei!!! Essa árvore foi o pinheiro.⁷⁰

Mas, se os ideais paranistas almejavam construir um paranaense do futuro, certamente é porque não compreendiam o Paraná enquanto região representativa frente ao próprio Estado nacional. “O *Movimento Paranista* surge, portanto, no início do século em uma Curitiba que vive a efervescência cultural propiciada pelo surto econômico da erva-mate e, acima de tudo em uma época que carecia de novas representações políticas e tradições regionais, já que perdera sua eficácia a idéia de Nação, vinculada à figura do Imperador”.⁷¹

Foram criadas imagens, símbolos e signos no imaginário social paranaense, com o objetivo de unificar o paranaense em nome de um mesmo pensamento: a construção de uma identidade regional.

Entretanto, é necessário ressaltar que o conceito de imaginário social, na perspectiva do discurso historiográfico, remete à criação do social-histórico, tendo como produtos realidade e racionalidade, envolvendo figuras, formas, símbolos,

⁷⁰ ILUSTRAÇÃO Paranaense. Curitiba, maio/jun., 1929.

⁷¹ PEREIRA, L. F.L. *Paranismo...*, 1997, p. 83.

imagens e, por que não dizer, pensamentos sob formas diversas do que se pretende compreender: “Todo pensamento da sociedade e da história pertence em si mesmo à sociedade e à história. Todo pensamento, qualquer que seja ele e qualquer que seja seu ‘objeto’, é apenas um modo e uma forma do fazer social-histórico.”⁷²

A cada pensamento que interage no imaginário social, revelam-se variadas e complexas funções no reconhecimento de uma representação coletiva. Seus símbolos, emblemas, sentimentos e signos serão fatores fundamentais na construção do imaginário social de uma dada coletividade ao se desvendar a forma de poder que o legitima.

Assim, a criação do brasão do Paraná, defendida por Romário Martins, constituiu a veiculação de uma ideologia, tendo em conta uma simbologia detentora de um mito de origem⁷³. Romário Martins assim compôs a simbologia do brasão, conforme normas heráldicas:

O sol seria o símbolo americano por excelência; nele, desde a mais remota antiguidade da Ameríndia, os povos do Novo Mundo homenageiam a fonte da vida [...] As montanhas, que foram agrupadas em três picos, simbolizando os três planaltos do território paranaense, o Oriental ou de Curitiba, o Central ou dos Campos Geraes e o Ocidental ou de Guarapuava, ao mesmo tempo lembram as três raças de nossa primitiva formação étnica. A Águia, convenientemente estilizada de maneira a conservar as características da espécie (*thresaeetus harpia*) symbolisa a audácia a liberdade e tem especial cabimento no escudo por ser o Paraná o limite meridional de sua exurgencia no Brasil. O Lavrador é uma representação expressiva de nossa vencedora actividade agrícola, incrementada pela imigração. O braço vestido de armadura, que sustenta uma lança com a bandeira onde está inscripta

⁷² CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 13.

⁷³ “A criação de um mito de origem é fenômeno universal que se verifica não só em regimes políticos mas também em nações, povos, tribos, cidades. Com freqüência disfarçado de historiografia, ou talvez indissolúvelmente nela enredado, o mito de origem procura estabelecer uma versão dos fatos, real ou imaginada, que dará sentido e legitimidade à situação vencedora”. (CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas...*, 1990. p. 13).

a Cruz da Ordem de Christo, nos liga às nossas origens, históricas e religiosas, e especialmente à phase heróica das bandeiras penetradoras do sertão paulista, incorporadoras à unidade brasileira de quasi todo o actual território paranaense. O pinheiro, o egrégio Pinheiro do Paraná foi posto em copa frondejante e, no suporte um ramo de café representativo da nossa mais promissora indústria agrícola, em correspondência com o mate, nossa principal indústria actual.⁷⁴

Nas palavras de Romário Martins sobre a bandeira, pode-se encontrar toda sua poética e intenção idílica em criar uma simbologia própria ao Paraná: “A bandeira pôde ser política, religiosa, social ou simplesmente decorativa, é sempre inspiradora e representativa de um sentimento. Toda a acção no sentido de uma conquista produziu na antiguidade um emblema simbólico”.⁷⁵

No Arquivo Público do Paraná, encontrou-se, entre os documentos pessoais de pesquisa de Romário Martins e dentre várias anotações sobre bandeiras e brasões, o seguinte escrito:

ORAÇÃO À BANDEIRA

Francisco de Campos. AIB. Secretária Provincial de Propaganda

“A Bandeira é um symbolo, a sua commemoração, uma cerimonia. As cerimonias e os symbolos não trazem em si mesmos a sua justificação e o seu sentido. Não basta hastear a bandeira e prestar-lhe a reverencia e juramento. A Bandeira é um signal: ella representa realidades e valores, e os valores e as realidades que ella representa não estão inscriptos no seu quadrilatero, mas no espirito, na vontade e no coração dos homens.”⁷⁶

Partindo dessas considerações é que, ao se abordar o tema da construção de uma identidade regional e da produção historiográfica paranaense, entendeu-se como fundamental destacar o ambiente em que se gerou tal ideário. Assim, em que momento o paranismo configurou-se como uma ideologia

⁷⁴ MARTINS, R. *O brasão de Armas do Paraná e os seus symbolos...*, [19—b]. cx. 10.

⁷⁵ MARTINS, R. *Origem das bandeiras*. Curitiba: APPR. [19—c]. cx. 10.

⁷⁶ MARTINS, R. *Origem das bandeiras*. Curitiba: APPR. [19—c]. cx. 10.

política e que, moldada pela intelectualidade paranaense, assegurou a elitização de um grupo social ?

Os intelectuais tradicionais do Paraná escrevem a história tradicional da identidade paranaense. Ermelino de Leão, Romário Martins, Francisco Negrão e o último dos paranistas, David Carneiro. Todos possuíam vínculos com a erva-mate. A sua temática foi a construção da história regional, os temas paranaenses, a defesa dos limites do Paraná e a genealogia e memória de suas elites. Todos procuraram mostrar a continuidade histórica da região. O Estado eram eles, os *homens bons* e os seus descendentes. Tal tradição continua com Brasil Pinheiro Machado, Samuel Guimarães da Costa e em Luiz Carlos Pereira Tourinho.⁷⁷

O estudo de uma intelectualidade requer, necessariamente, a compreensão do contexto gerador de sua produção, o qual remete aos processos de legitimação da produção da memória em correspondência às necessidades políticas do grupo fundamental dominante.

A produção de intelectuais paranistas no Paraná, mantenedores da continuidade histórica, garantiu à elite da erva-mate, a função de grupo social dominante. Assim, o signo paranista, ao articular-se às produções históricas, construiu uma identidade e inventou um mito de origem, que, ao reconhecer-se pela simbologia legitimadora de uma ideologia, permeou o processo de produção historiográfica paranaense e produziu uma memória identitária.

O Cerco da Lapa corresponde a um dos episódios que, pela sua excepcional característica legendária, ratifica a ideologia em questão, constituindo-se em uma rede de símbolos que adquirem significâncias locais, regionais e nacionais, tornando o fato histórico como memorável e imbuindo-se de uma perspectiva de construção de identidade.

O cerco da Lapa e a produção da memória do patrimônio tombado

A Lapa constitui-se em uma das cidades paranaenses que mais preserva seu patrimônio edificado. Investigando sobre

⁷⁷ OLIVEIRA, R. C. de. *O silêncio dos vencedores ...*, 2001, p. xxiv.

o processo de produção historiográfica paranista e sua relação com a história local e regional, percebeu-se a significação da memória do patrimônio tombado. Afinal, a produção historiográfica paranista enquanto conhecimento produzido traduziu-se no ensino de história por símbolos, imagens e pela construção de um discurso histórico de exaltação à identidade regional.

Pode-se dizer que a produção do conhecimento paranista está intrinsecamente ligada às visões positivistas⁷⁸ e historicistas⁷⁹, enquanto mantenedora da ordem político-social e exaltadora dos grandes feitos e dos grandes vultos da história, legitimando, portanto, algumas formas de representação cultural em detrimento de outras.

Nesse ponto, poder-se-ia questionar se a identificação da memória dos patrimônios tombados na Lapa, com os paradigmas positivistas e historicistas, podem possibilitar que a história local e regional identifique-se com outros “vestígios de memória”, que não os pré-estabelecidos por uma visão historiográfica legitimadora das classes dominantes?

E a resposta a este questionamento encontra fundamentação no argumento de que na Lapa, é possível identificar sim, no monumento edificado, a memória local

⁷⁸ Ressalte-se a utilização da ciência positivista na história da educação, enquanto formadora do princípio da neutralidade e imbuída de conceitos sobre a ordem estabelecida: “[...] o positivismo surge, em fins do século XVIII- princípio do século XIX, como uma utopia crítica-revolucionária da burguesia antiabsolutista, para tornar-se, no decorrer do século XIX, até os nossos dias, uma ideologia conservadora identificada com a ordem (industrial/burguesa) estabelecida”. E certamente que a neutralidade defendida pelo positivismo, acaba por *negar ou ignorar* “o condicionamento histórico-social do conhecimento”. (LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen...*, 2000. p. 18).

⁷⁹ A trajetória histórica do historicismo aponta que “[...] o historicismo conservador do século XIX se transformou, no final do século, em relativismo”. Entretanto o foco dessa pesquisa volta-se para aspectos de um historicismo conservador, tendo em vista que: “O historicismo é, portanto, na sua origem, uma corrente em geral conservadora [...] historicismo e conservadorismo são tão identificados que o próprio ponto de vista conservador é percebido como decorrente da história”. (LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen...*, 2000. p. 67).

traduzida como um documento que, permanecendo presente, pode exprimir temporalidades e significações culturais, identitárias e ideológicas, reveladas pelo patrimônio tombado.

Assim sendo, ao se chegar ao Setor Histórico da Lapa, podem-se visualizar monumentos “vivos” que evocam a memória do desenvolvimento de uma comunidade que surgiu com a distribuição de sesmarias e o tropeirismo; intensificou-se urbanisticamente com a erva-mate; pluralizou-se culturalmente com os imigrantes; valorizou-se pela lenda do Monge João Maria...⁸⁰ Enfim, na cidade da Lapa podem-se vislumbrar muitas das histórias que permeiam a história paranaense, mas que, de forma indelével, acentuou-se pelo desígnio nacional de “legendária” Lapa, com o episódio do Cerco da Lapa.

Ao percorrer suas ruas, denominadas com os nomes dos heróis do Cerco, e usufruir de seus espaços publicamente assinalados pela inesquecível batalha, não há como não rememorar, ou passar a lembrar da Revolução Federalista no Paraná e do seu destino, selado pela resistente cidade paranaense no Cerco da Lapa, possibilitando assim o tempo necessário para a vitória da república então conquistada.

Segundo Le Goff, os materiais de memória apresentam-se quer como monumentos, enquanto herança do passado quer como documentos, sendo que o “[...] documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”.⁸¹

Nesse sentido, vale destacar que, a exemplo de Curitiba, que já havia entrado no clima de agitação nacional republicana, o Paraná foi palco de comemorações cívicas regionais e nacionais, recorrendo à estética e à “estatuamania” como forma de exaltar o que Pereira trata enquanto “espetáculo paranista”:

Na praça Tiradentes, por sua vez, encontraremos um marco da visão de República dos paranistas, que através das

⁸⁰ O Parque Estadual do Monge constitui-se em um local de peregrinação religiosa, que atrai anualmente milhares de fiéis.

⁸¹ LE GOFF, J. *História e memória...*, 1996, p. 545.

inaugurações das estátuas, nesta verdadeira *estatuamania* que tomou conta do Paraná, revelarão seu tipo ideal de República. Na praça encontramos Tiradentes, obra do paranista João Turin; o Marechal de Ferro, Floriano Peixoto, e, para completar, um monumento à República onde se destacam o positivista Benjamin Constant e a figura da República francesa da Marianne [...] As festas de inauguração desses monumentos serão verdadeiros espetáculos cívicos de extrema imponência, onde, em uma espécie de ritual a população reverencia a figura homenageada ou o símbolo enaltecido, ou simplesmente participam do espetáculo como público-ator.⁸²

É nesse clima de homenagem e reverência que na Lapa os documentos-monumentos evidenciam-se pelos aspectos históricos revelados nas esquinas de cotovelo, nas ruas de paralelepípedos, estreitas, denominadas conforme os nomes mais significativos dos heróis do Cerco, nas casas que contam tantas passagens de tal episódio, no panteão que homenageia os seus combatentes, na Igreja que imortalizou o General da batalha – Gomes Carneiro e o seu fiel Coronel Dulcídio, ao abrigar seus restos mortais... Enfim, ao se respirar história em cada canto do Setor Histórico da Lapa, pode-se sentir sugestionado pelo tom da oficialidade garantida no papel desempenhado pela Lapa na vitória republicana.

Mas, o que se procura apontar com essa pesquisa, é justamente que o Cerco da Lapa pode ser apreendido, também, como um episódio revelador de lutas político-ideológicas, secretadas nos conteúdos trabalhados em salas de aula e interferindo sobremaneira na compreensão da memória patrimonial preservada.

Dessa forma, à medida que se passeia pela cidade, depara-se com uma justificativa reticente sobre os porquês dos tombamentos e sobre o que estes representam historicamente: o episódio do Cerco da Lapa.

Em cada canto que se conheça do Setor Histórico da Lapa, lá está um fato ligado ao episódio. Foi o Cerco da Lapa que justificou o processo de tombamento dos casarios que compõem o Setor Histórico. Foi pela resistência do Cerco da

⁸² PEREIRA, L. F.L. *Paranismo...*, 1997, p. 183.

Lapa, que se combateu o movimento maragato rebelde e assegurou-se a república pica-pau no Brasil: um viva aos florianistas! E foi também o Cerco da Lapa um dos temas utilizados pelos paranistas para discorrer sobre a construção de uma identidade paranaense.

David Carneiro pode ser considerado um dos intelectuais mais proeminentes do Cerco da Lapa, pois sustentou variados argumentos para reiterar a identidade político-cultural paranaense no contexto nacional gerado desde a Proclamação da República.

Assim, ao se estudar sobre a memória dos patrimônios tombados na Lapa, compreendeu-se o quanto sua memória é reveladora de um contexto historiográfico de busca a uma construção identitária regional, pensada pela intelectualidade envolvida no movimento cultural conhecido como paranismo.

Por tais considerações é que se procurou apontar as especificidades do movimento paranista, assim como sobre sua contextualização, pois o paranismo ao ser promovido pela política-econômica da erva-mate no Paraná, fomentou a construção de uma identidade comum aos paranaenses, representada por simbologias próprias como a encontrada no próprio brasão do Estado e pela eleição de episódios históricos como baluartes de uma história regional, já que, dentre seus intelectuais, encontram-se os primeiros historiadores do Paraná.

Pode-se, inclusive, atribuir ao paranismo o pioneirismo na concepção de uma história genuinamente regional. Anteriormente ao período da Primeira República, época em que se contextualiza o ideário paranista, o que se podia conhecer sobre a História do Paraná, restringia-se, basicamente, a relatos de viajantes, muitas vezes de origem européia:

Nos três primeiros séculos de sua história, o Paraná foi pensado de fora. Isto significou que a maior parte do que se sabia sobre o Paraná era produzida por intelectuais de outros países, como o inglês Thomas Bigg-Whiter e o francês Auguste de Saint-Hilaire.⁸³

⁸³ SCHMIDT, M. A. M. S. *Histórias do cotidiano paranaense*. Curitiba: Letraviva, 1996. p. 96.

Sendo assim, quando os significados dos patrimônios tombados na Lapa apontam o Cerco da Lapa como o marco histórico nacional, que salvaguardou a república brasileira, acabam por reforçar a idéia paranista de construção de uma identidade específica ao paranaense. Tal intenção paranista não só contrapõe a diversidade cultural, introduzida especialmente no sul pelo próprio decurso imigratório brasileiro, como dissimula os processos históricos diferenciados de ocupação e povoamento de terras paranaenses, apoiando-se nos princípios de uma história positivista e historicista, que enaltece heróis e grandes feitos e produz uma história oficial, unilateral e hegemônica.

Mas se a Lapa apresenta em seu conjunto arquitetônico tombado situações paradoxais, é justamente por possibilitar identificar “a” história que heroifica e “uma” história revisitada, geradora de interpretações plurais e que pode ir além das pré-definições construídas pelos paranistas.

Ao se considerar que a história da Lapa pode traduzir-se por muitas histórias, quando reveladoras de costumes, cotidianos, culturas, identidades..., indo além daquela história que cultua os heróis e o seu panteão, entende-se que, para tanto, é fundamental que se compreenda acerca da produção historiográfica e seus envolvimento ideológicos revelados pela história local/regional, bem como buscar apreender aspectos relacionais com os processos discursivos de produção da memória.

Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. *História do Paraná*. Curitiba: GRAFIPAR, 1969. vol. 1
- BEGA, M. T. S. *Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional*. 2001, 442 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BRAUDEL, F. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- BOBBIO, N.. *Liberalismo e democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BURKE, P. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

- CARNEIRO, D. *O Cerco da Lapa e seus heróis*. Rio de Janeiro: Ravaro, 1934.
- _____. *História psicológica do Paraná*. Edição do Dr. Diocesar Plaisant. Curitiba: Tip. João Haupt, 1944.
- _____. *O Paraná e a Revolução Federalista*. 2 ed. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte: Indústria Gráfica Gonçalves, 1982.
- _____. *Positivismo e humanismo*. Curitiba: Centro Positivista do Paraná, 1993.
- CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CORDOVA, M. J. W. *A produção da memória e o patrimônio tombado na Lapa/PR: perspectivas para o currículo escolar*. Ponta Grossa, 2003, 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2003.
- CORRÊA, A. S. *Imprensa e política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX*. 2006, 231 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- FERRO, M. *A História vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- ILUSTRAÇÃO Paranaense. Curitiba, maio/jun., 1929.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1996.
- LOVE, J. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 2000.
- MACHADO, B. P. *A historiografia de Romário Martins na sua "História do Paraná"*. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS REGIONAIS, COMEMORATIVO DO I CENTENÁRIO DE ROMÁRIO MARTINS, 1974, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 1974. p. 43-49.
- MANGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989.
- MARTINS, R. *História do Paraná*. 3. ed. Curitiba: Guaíra, [19—a].
- _____. *O brasão de Armas do Paraná e os seus símbolos*. Curitiba: APPR, [19—b]. [Datilografado]. cx. 10.
- _____. *Origem das bandeiras*. Curitiba: APPR. [19—c]. cx. 10.
- _____. *Mensagem do Centro Paranista*. Curitiba: APPR. [19—d]. cx. 10.
- _____. *Paranística*. In: A DIVULGAÇÃO. Curitiba, p. 91, fev./mar. 1946.
- MATOS, O. N. de. Alguns temas de história regional na obra de Romário Martins. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS REGIONAIS, COMEMORATIVO DO I CENTENÁRIO DE ROMÁRIO MARTINS, 1974, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 1974, p. 17-30.
- NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto

- História, São Paulo, n. 10, p.7-39. 1993.
- OLIVEIRA, R. C. de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.
- ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PEREIRA, M. R. M. *Semeando iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1829-1889*. Curitiba: UFPR, 1996.
- PEREIRA, L. F. L. *Paranismo: o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- PESAVENTO, S. J. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. História regional e transformação social. In: SILVA, Marcos A. (Org.). *República em migalhas: história regional e local*. São Paulo: Marco Zero; ANPUH, 1990.
- MUNHOZ DA ROCHA, B. A Significação do Paraná. *Círculo de Estudos Bandeirantes*, Curitiba, p. 3-12, abr. 1930.
- SCHMIDT, M. A. M. S. *Histórias do cotidiano paranaense*. Curitiba: Letraviva, 1996.
- SCHMIDT, W. Há 150 Anos, PR tornava-se a 10.^a comarca de São Paulo. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 17 jul. 2002. p. 10.
- SOARES, M. P. *O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*. Porto Alegre: AGE; Ed. UFRGS, 1998.

O Paranismo e o processo de produção historiográfica paranaense: o episódio do cerco da Lapa

Maria Julieta Weber Cordova

Resumo: A pesquisa é resultado de dissertação de mestrado, cuja temática sobre a história local/regional e a construção de uma identidade paranaense, levou em conta a produção da memória do patrimônio tombado na Lapa/PR. Entendeu-se que a interação da história local/regional com a memória do patrimônio tombado está estreitamente ligada à determinação de uma produção historiográfica. A análise teve como pano de fundo o episódio do Cerco da Lapa, por constituir-se em um marco histórico representativo da produção historiográfica paranista, que visou a construção de um discurso histórico de identificação regional aos paranaenses.

Palavras-chave: produção de memória, história local/regional, identidade regional, patrimônio tombado.

ABSTRACT: This research is the result of the master degree dissertation, about the local/regional history and the construction of the Paranaense identity, taking in consideration the production of the memory of the heritage buildings at Lapa/PR. It was understood that the interaction between local/regional history with the memory from the heritage buildings is directly connected to the determination of a historiographic production. The analysis had as a background the siege of Lapa episode, because it constitutes in a representative historic landmark of Paraná historiographic production, which aimed at the construction of a historic discourse of regional identification por the Paranaenses.

Key words: memory production, local/regional history, regional identity, heritage buildings.

Artigo recebido para publicação em 29/06/2007

Artigo aprovado para publicação em 10/11/2007